

DIÁLOGOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: educação, geografia e ambiente

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

Esta publicação é resultado de várias pesquisas feitas por discentes de graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) e da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* Mestrado Profissional em *Ensino em Contexto Indígena Intercultural* (PPGECII/UNEMAT). Somam-se aos estudantes, professores(as) de várias instituições que, com afeto e responsabilidade, têm se dedicado a pensar o espaço geográfico e a educação nesses tempos tão difíceis impostos à sociedade como um todo devido à pandemia de COVID-19.

O diálogo apresentado pelas alunas da Licenciatura em Pedagogia da UFMT nos instiga a refletir o quão difícil é a realização de um curso de graduação a distância. Quando foram obrigadas a realizar práticas como a de contar histórias infantis a distância, veio à tona a falta de desenvoltura com a tecnologia. Desvelou-se a realidade da formação (defasada/anacrônica) de professores(as), que não foram preparados(as) a atuar por meio tecnológico. Cabe ressalva de que se trata de uma categoria com baixo poder aquisitivo, pois tecnologia denota investir em aparelhos mais potentes e atualizados e também em internet de qualidade, situação que impacta o fazer de estudantes e professores.

As atividades de forma remota têm sido realizadas por orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), cujo objetivo são os cuidados e a proteção à vida; no entanto, a pandemia e a luta para impedir o avanço do vírus da COVID-19 completarão dois anos no início de março de 2022. Ainda hoje, nós, professores e pesquisadores, ouvimos questionamentos sobre o que está por trás disso tudo, como se tivéssemos renunciado ao trabalho presencial visto que não deixamos de trabalhar e é preciso reforçar esse argumento todos os dias. A atividade remota torna-se penosa porque exige saberes tecnológicos, que os docentes não dominam.

A *Revista de Comunicação Científica* (RCC) tem sido um espaço de acolhimento de produções de artigos e resumos expandidos produzidos a partir de



pesquisas e reflexões sobre a educação, a geografia e o ambiente, pois tudo o que ocorre no território é produzido pela sociedade.

Assim, organizamos o número 10 desta Revista por ideias estruturantes: a primeira delas, ***Experiências de formação docente e desenvolvimento infantil em tempos de Pandemia***, trata de textos importantes sobre trabalhos desenvolvidos na educação infantil. Chama a atenção é que, em virtude da pandemia, tanto professores como crianças foram desafiados a um novo modelo de educação. Na educação infantil não foi diferente, exigindo um esforço maior de todos, mobilizando famílias inteiras com o propósito de cuidar da vida.

Assim, o primeiro texto que compõe este número da RCC é ***O contar histórias na Educação Infantil: um relato de experiência na construção docente***, de autoria de Élia Lemes Farias, orientada pela Professora Doutora Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira. Trata-se de um importante registro de experiência vivenciada na disciplina de Linguagens, no curso de Pedagogia, ofertado pela Universidade Federal de Mato Grosso, Polo Canarana, MT.

Essa situação atípica permitiu a reflexão sobre a formação inicial docente e de que forma influencia o universo da criança em momento fundamental da construção do pensamento, contribuindo ao fortalecimento da sua aprendizagem e de seu desenvolvimento. A partir do relato de experiências, foi possível refletir sobre a vivência da própria autora (que luta contra a depressão), para reforçar a importância da vida e que, como professoras, somos exemplo de força maior e que viver não é algo em vão: a passagem rápida pela Terra traz responsabilidades.

Expressar sentimentos contando histórias ajuda a si próprio e a adentrar no mundo da imaginação. De alguma forma, aguçamos a curiosidade da criança, suas emoções, criatividade e capacidade. Além de construir sua identidade, melhora sua oralidade ao poder contar e recontar suas próprias histórias que são passadas a elas de forma lúdica repleta de fantasias.

Além dos assuntos abordados, existem recursos que os educadores usam como apoio para suas histórias, tornando o momento ainda mais prazeroso e especial, como, por exemplo, o uso de fantoches, marionetes, dobraduras, entre outros artifícios. Por fim, há sugestões de como tornar os momentos de leitura em sala de aula ainda mais dinâmicos (com atividades para explorar a história lida ou contada), visando



sempre despertar o gosto pelas histórias e o desejo de viajar pelo fantástico mundo das palavras e aprender de uma forma mais prazerosa e eficaz.

Na esteira da experiência com crianças, com o objetivo de construir conhecimento, tem-se o artigo ***Exposição de brinquedos como possibilidade de aprendizagem significativa***, de autoria de Karina Santiago de Assis, Sílvia Maria dos Santos Stering e da Professora Doutora Eliete Borges Lopes. O texto fala da exposição de Brinquedos do Brasil, projeto desenvolvido pelo Serviço Social do Comércio (SESC), via Departamento Nacional, com o objetivo de incentivar o brincar a partir das memórias afetivas e dos brinquedos artesanais existentes em cada estado brasileiro.

A exposição construiu um cenário de provocação sensorial, ao tornar visível o quão interessante é, no fazer diário, estimular o brincar com espigas de milho, pedaços de madeira, borrachas de reaproveitamento, latinhas de alumínio em vez de carrinhos industriais com moldes prontos e modelos iguais para diversos países. Trata-se de uma importante experiência que contribui tanto com o fortalecimento da formação docente como com a construção do conhecimento por parte da criança.

Na sequência, o artigo ***Utilização das mídias digitais como ferramenta mediadora na formação docente***, de autoria de Ohanna Cristina Queiroz Castilho e da Professora Doutora que orientou o trabalho, Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, traz um importante relato de experiência vivenciada na Prática Pedagógica e Ensino de Estágio II, atividade que foi totalmente alterada pela pandemia da COVID-19, sendo necessário utilizar a ferramenta de EaD do próprio curso à experiência de estágio e formação docente. A dificuldade para realização dessa etapa tão importante (desenvolvida de forma remota) foi maior. O leitor deve questionar que o curso é realizado a distância e, assim sendo, a discente deveria dominar a tecnologia. Ocorre que um estágio realizado (de forma remota) com crianças foi desafiador.

O estágio tem como objetivo fundante o incentivo à formação dos discentes, mediando conhecimentos teóricos, metodológicos, tecnológicos, a práticas docentes que, no caso, constituem-se de caráter inovador. Faz uso de mídias digitais, na busca da superação da problemática sobre como proporcionar aos acadêmicos aporte teórico e prático sem a inserção desses acadêmicos na escola e, mesmo assim, proporcionar experiências vivenciadas por um professor de educação básica.



A seção seguinte, intitulada **Geografia e ensino em tempos de pandemia**, trata de pesquisas realizadas na disciplina de Geografia agrária, ministrada pela Professora Doutora Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso. O objetivo foi realizar pesquisas com professores da educação básica com o propósito de identificar como a disciplina de Geografia estava trabalhando os conteúdos de geografia agrária de forma remota.

O primeiro texto desta seção é **Geografia e pandemia: uma análise do ensino de Geografia Agrária em tempos remotos**, de autoria da mestranda em Geografia, Leticia Bazzi do Nascimento Balbuena, do mestre em Geografia, Ronilson Farias Majjione Balbuena, e da professora Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira. Apresenta os impactos da pandemia na educação básica e mostra a perversidade da desigualdade social entre estudantes e professores, colocando em evidência a miserabilidade social, pois a inclusão tecnológica custa muito para quem muitas vezes não tem o que comer. A pandemia da COVID-19 trouxe ao ambiente escolar novas formas de mediar a construção do conhecimento.

Essa pesquisa foi desenvolvida para mapear ou identificar como o ensino acontece nesse ambiente. Para além da prática da educação, a preocupação se estabelece com o ensino da Geografia e com a especificidade da Geografia Agrária. Dessa forma, a proposta foi a de compreender como o ensino remoto tem impactado o ensino de Geografia. Para tanto, a pesquisa compreendeu a aplicação de questionário para duas professoras da rede pública de ensino, analisando os desafios encontrados, tanto por parte das docentes, como também pelos estudantes.

Na sequência, apresentamos o artigo: **A geografia enquanto instrumento de construção de conhecimento para as questões agrárias**, da mestranda em Geografia, Gislaine Fernandes, e do professor Doutor Edevaldo Aparecido Souza. Esse texto aborda o surgimento da ciência geográfica e sua consolidação na Alemanha, no século XIX, com Alexander von Humbolt, contribuindo muito para a compreensão do território e da sociedade na história da humanidade. Não restam dúvidas de que, independentemente de a Geografia ser consolidada enquanto ciência, seus conteúdos já eram estudados desde o início da própria história da humanidade.

A metodologia utilizada foi participante com entrevista semiestruturada. A pesquisa revelou que o ensino de Geografia vem passando por mudanças impostas



pelas alterações da Nova Base Nacional Curricular, o que tem afetado o processo de construção do conhecimento, especialmente pelo uso de novas tecnologias (usadas sem expertise) por conta da pandemia da COVID-19. As questões agrárias têm sido importante instrumento de construção de conhecimento, que contribui com a “tomada de consciência crítica e emancipatória capaz de apreender e questionar sua realidade”, na fala dos autores.

Logo após, o artigo ***Educação ambiental: a importância do trabalho interdisciplinar***, de autoria dos professores Riamar Ramires Cruz e Laurentino Bernardes Vieira, apresenta pesquisa desenvolvida a partir de fontes bibliográficas com o propósito de refletir a emergência das questões ambientais, impactadas pelas ações antrópicas nos últimos anos. Essas ações tiveram início com a Revolução Industrial, sendo aceleradas com o passar dos anos, fomentando o consumo imposto pelo capitalismo predatório. Indubitavelmente, esse desregramento veio provocando alterações no meio ambiente. Nos dias que correm, estamos chegando ao esgotamento dos recursos naturais (finitos) em virtude dos altos níveis de poluição do ambiente e contaminação de lençóis freáticos, reverberando na saúde das pessoas com o surgimento de novas enfermidades ou o agravamento de doenças respiratórias.

O texto traz reflexões sobre a contribuição da educação mediante trabalho interdisciplinar ou transversal com a educação ambiental, alicerçada pela Lei nº 9.795, de 28 de abril de 1999, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental. Infelizmente, essa Lei ainda é pouco aplicada nos ambientes escolar e acadêmico, pois, para barrar ou amenizar os danos ao ecossistema, todo o esforço é necessário e textos como esse nos chamam à responsabilidade de ações concretas e imediatas.

Em seguida, o artigo ***Expansão capitalista e conflitos agrários na Amazônia Legal***, dos mestrandos em Geografia, Valdsandro de Lima Campos e Davi de Lima Bezerra e do Professor Doutor Edevaldo Aparecido Souza apresenta os processos de concentrações fundiárias e os conflitos agrários que têm acontecido no território brasileiro e na Amazônia Legal, na qual todo o Estado de Mato Grosso está incluso.

A ocupação recente da Amazônia brasileira privilegiou uma parcela de pessoas com capital, contribuindo à concentração de terras, ou seja, indivíduos foram privilegiados por políticas mediadas pelo próprio Estado brasileiro sobretudo nas gestões dos governos militares. Os pequenos proprietários nunca tiveram na história brasileira ou mato-grossense política pública que efetivamente pudesse contribuir com



a sua fixação na terra; assim tem ocorrido, sendo expropriados de suas terras. O artigo foi feito a partir de revisão bibliográfica sobre a questão agrária e traz dados quantitativos que elucidam o que está sendo discutido. Para além disso, o texto traz várias tabelas que contribuem à compreensão e à necessidade urgente de uma Reforma Agrária no Brasil.

Na sequência, a artigo ***O uso do etnoconhecimento da pesca com o timbó em um contexto escolar da etnia Alantesu, no Vale do Guaporé, Mato Grosso***, de autoria das professoras doutoras Carla Maria Abido Valentini e Andréia Felisberta dos Santos Campos, traz importante pesquisa desenvolvida junto às Terras Indígenas do Vale do Guaporé, com alunos da etnia Alantesu, em Mato Grosso. Trata-se de pesquisa alicerçada na observação participante para evidenciar a mediação educacional junto à comunidade indígena através da pesca com o uso do timbó. Essa experiência tem sido mediada pelas aulas de Química. Em se tratando de povos indígenas, não é impeditivo o envolvimento de outras áreas para o entrelaçamento da interdisciplinaridade, intermediadas pelo professor da comunidade, envolvendo alunos que sempre apresentam apreço pelo etnoconhecimento com o envolvimento da comunidade. O texto referenda a consciência ambiental e suas responsabilidades em relação aos efeitos provocados nos cursos de água pelas substâncias químicas.

A formação das cidades da soja na Amazônia mato-grossense: entre o imaginário desenvolvimentista, a desigualdade e os impactos ambientais, da doutoranda em História, Suellen Cerqueira da Anunciação de Souza, discute a importância do território. Traz o histórico da ocupação recente do território de Primavera do Leste, MT, que tem ostentado a imagem de cidade moderna; no entanto, na prática, apresenta desigualdade social. Esse texto reflete as consequências sociais impostas pelo que chamamos de *agromorte* e que chamam de *agronegócio*.

Professor Doutor Rogério Makino é o autor do texto ***O curso de Ciências Sociais da UNEMAT na modalidade “PARCELADAS”***, relatando como se deu a implantação do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais na cidade de Confresa, pertencente ao Campus de Luciara, onde a UNEMAT tem ofertado cursos de graduação na modalidade de ensino chamada de *Parceladas*, ofertados normalmente em período de férias, com disciplinas em módulos intensivos. A criação do *Projeto Parceladas* visava à formação de professores situados no Médio Araguaia e, por isso, a criação do Campus de Luciara, demanda apresentada pela comunidade local com



o apoio do Bispo Dom Pedro Casaldáliga. Sensibilizada com a demanda, a UNEMAT, cujo reitor à época era o professor Carlos Maldonado, responsável pela expansão da Universidade do Estado de Mato Grosso, proporcionou que uma cidade pequena como Luciara comportasse um Campus da UNEMAT. O professor Rogério Makino desenvolveu uma pesquisa junto aos estudantes do Curso de Ciências Sociais para mapear o perfil desses discentes, suas motivações para a realização do curso e as dificuldades que enfrentam para continuarem frequentando as aulas.

A mestrandia Dineva Maria Kaiabi e a professora Doutora Maria Aparecida Rezende assinam o texto ***O resgate da língua materna na T.I. Apiaká-Kayabi***, o qual teve o objetivo de discutir a importância da língua materna na Terra Indígena Apiaká Kayabi, que tem se perdido em função do contato entre sua língua materna e a língua portuguesa. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi a narrativa, com o propósito de relatar a maneira como o sujeito da pesquisa se vê. O povo Kaiabi perdeu a fluência da sua língua materna em virtude da colonização capitaneada pelas missões jesuítas, “que levavam as crianças para o internato e as proibiam de falar a língua materna”.

